

**As minhas palavras
não ditas**

Hélio Sozinho

Índice

05-HO NDJAMBÉLUA

11-MARÇO MULHER

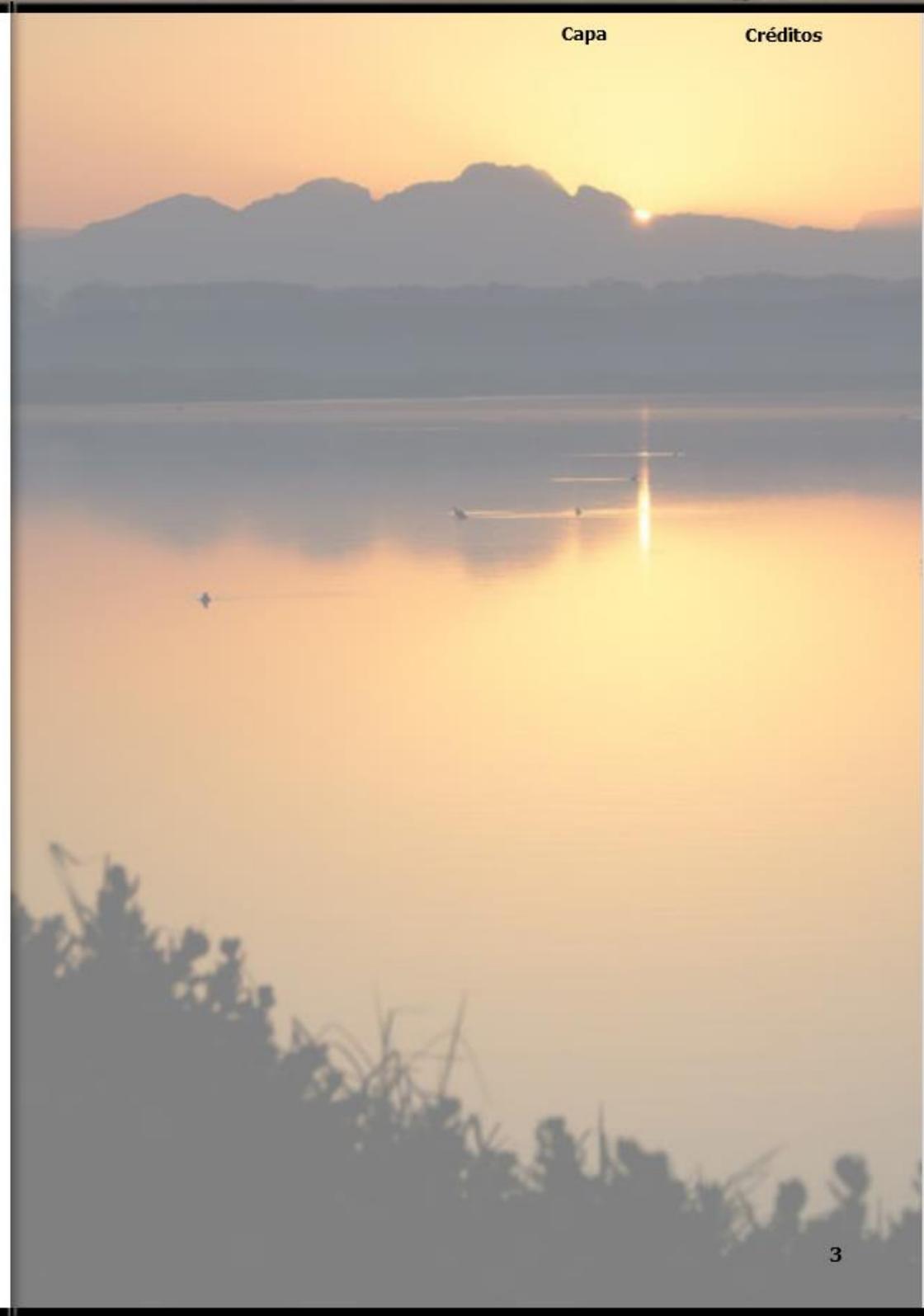
17-HOJE SONHEI

25-O HOMEM QUE ME TORNARAM

31-ONDE ESTÁ A VERDADE

43-DESTA VEZ QUEM É O CULPADO

53-NA HORA DO ADEUS



HO NDJAMBÉLUA

Ndjambélua, minha querida, onde estás querida, minha espinha dorsal, minhas pernas, meus braços, meu olhar, meu ser, sim és tu minha Ndjambélua.

Quando me disseram que fugiste para Angola, não hesitei em mergulhar no mar tenebroso depois emergir na tão complexa floresta do Maiombe e pedir aos primos chimpanzés se me pudessem ajudar a te encontrar minha Ndjambélua. Estes ironicamente mandaram-me à S. Salvador para rezar aos deuses naquela antiga capela onde os meus irmãos foram transformados em europeus por meio de batismos forçados.

Hó Ndjambélua! Mesmo assim não encontrei resposta e triste decidi relaxar com um cafezinho e saborear uma jingubinha para, quem sabe, me dar forças e quando te encontrar me deleitar. Lhe confesso que só me repletei de desejos insaciáveis e para me safar corri sem controlo à Ilha do Cabo e lá fazer uns pedidos aos famosos kimbandas da nossa banda ainda assim, Ndjambélua não te vi e aí, descobri que a vida não termina no ponto final pois ainda tinha muito que fazer para te encontrar.

Os kimbandas mandaram-me ir pagar imposto ao velho jacaré bagão que me esperava no posto administrativo com uma penca de banana e depois ordenou-me a subir o Morro do Binda para ver se me baixava a temperatura. Não esperei e, numa velocidade de cruzeiro lá cheguei, mas não te encontrei; fingi que te toquei com o meu infravermelho, envergonhado descí às cocheiras do Binga e desfrutei das mais belas hidrosferas e crer



que eras tu que me apalpavas e de tanto cansaço adormeci e quando dei por mim era apenas um sonho cor-de-rosa, Ho! Ndjambélua.

Mas para que o nosso encontro tivesse um cunho indelével topei oferecer-te uma acácia rubra diante daquela praia morena onde o cais faz-me viajar pelas profundezas do Ndombe e reforçar a nossa relação difícil, farta de baías falsas sonhei um sonho que era eu a te abraçar em pleno Chongoroi.

Ho Ndjambélua minha, não querendo mais te perder achei que tinha mesmo que rogar à Nossa Senhora do Monte que falasse com o nosso Cristo Rei e me levasse à fenda da Tundavala para nunca mais te roubarem e à medida que o tempo passava levaste-me a chupar os teus tesos seios como laranja da Humpata e descontrolado comecei a descer a Leba do teu corpo de viola mas quando atingi a curva do gindungo, descobri que tudo não passava de um pesadelo impostor.

Então fui obrigado a passar em pleno deserto friorento e enxuto até aos formosos feiticeiros do Curoca que até hoje não entenderam nada e serviram-me um manjar de mafuma do meu preferido ribeiro, onde abundam os melhores hipopótamos que jamais conheci.

Depois, depois da tão saborosa gastronomia rumei para Jamba, Rivungo, cushi e Mavinga, rodeando os nove municípios do kk, onde as chanas do arroz fizeram os homens transformarem as armas em

bombardeiros em aves que vigiam e estrumeiam as terras que todas as munições disparadas e não disparadas tornaram-se em sementes valiosas e brotantes na minha nova Angola. Te juro que assisti aqueles soldados vivos e mortos que bailavam num tapete vermelho qual festival de cann em França ou então New York weekfashion, ontem batalha do Kuito Kuanavale, combinando com uma boa dança do chizuza, o rnburnba entre as namusso.

Confesso que aí me perdi e quando me alvorecei já estava no Chinguar e Kamakupa a conversar com uns antigos Kuembas que hoje são cupapatas e garimpeiros, uns cansados outros nem por isso tão vigorosos como nunca e, me contaram as suas façanhas dos tempos de quitota, tanto de lá como de cá, porém não te vi.

Embora não seja físico, mesmo assim sei que o movimento é a essência e a alma do universo, achei era chegada a hora de saborear um manjar de bombó feito à lenha. Admito que comi tanto que para relaxar estava debruçado nas quedas de Kalandula, que fizeram-me sentir o cheiro dos colares de diamante que eu tinha de oferecer à minha Ndjambélua.

Ainda assim; consegui garimpar alguns com os vindanda e para melhor reflectir transpus o Moko lá onde encontrei o antigo caçador e lembrar os tempos do Soba Calunga e da Nova Lisboa, abraçado pelo Mbave, Londuimbali, longondjo e Ngovi, recordei-me de facto das epopeias do soba Tchuvica.

Sem muitos dentes de coelho mergulhei na granja e avistei as

dos batuques cujo som era folclórico e no meio de toda aquela endiabrase os meus olhos vislumbraram um belo olhar fresco e infantil com ânsia de ver, compreender, admirar, descobrir e se comover num instante manifesto de existir, uma alegria cravada de fogo esverdeado da inesperada beleza da proporção perfeita da minha Ndjambélua vestida que nem um Onduva (pássaro), remexendo a cianda (dança) e quando nos reencontrámos só sei que ganhei asas e cruzei com as aves que realmente voavam livremente, e comemoravam o nosso desaforo. Depois tudo parou: o sol, a lua, o vento, a chuva, o ar, os animais, sei lá, todo o universo parou para contemplar a nossa cerimónia, pois tal jamais aconteceu e, de repente vi as mais célebres afroditas como a Vénus de Milo, a Vénus de Médicis, a Vénus de Cirene, a Vénus de Capitolina, a Vénus de Cellini a de Canova e muitíssimas mais que não as reconheci, por não terem cabeças outras não tinham braços e algumas só possuíam os glúteos com uma perna torneada.

Era de facto um espectáculo desconcertante e embaraçoso onde o congresso de mulheres nuas, umas rubras outras alvas, só para me atrapalhar, mas falava mais alto, o encanto da minha Ndjambélua que era mesmo incomparável. Por isso em vez de me esconder na batalha, no álcool, nos jogos, na sensualidade, na vaidade, na igreja, no crime, nas estupefacientes e outros males decidi me encapotar no apego teu amor. Te amo Ndjambelua!



Março Mulher

O! mulher mãe, mulher tia, irmã, namorada, amante, prima, vizinha, amiga, colega, empregada, lavadeira, cozinheira, sexeira, traidora, zungueira, médica, enfermeira, professora, aluna, secretária...

Ó mulher mãe da luz é de ti, deste "M" que quero falar, o "M" do mês de Março no qual apenas és mais valorizada, "M" do mar que nos dá água para nela nadar e mariscos para saborear. "M" de madrasta que deseja mal à nossa mãe, que maltrata os enteados, "M" de malucas porque mexem com as nossas cabeças, "M" de mel que nos dá doçura enganadora, "M" de matemática que tanto odeio, em fim "M" de Maternidade autêntica oficina delas. Ó mulher sofredora, batalhadora amamentadora mas também traidora.

Hoje quero falar de ti. De ti mesmo que me concebes e depois me deitas no contentor do lixo.

Perdoe-me se falar tudo de que tenho direito porém neste Março apenas apetece-me falar do "M". Tu que de dia me das à luz e de noite já tiras o meu coacção;

Tu que me conduzes às profundezas dos abismos do inferno, mas que de madrugada ofereces-me a salvação. Diga-me hoje aqui e agora: porque é que carregas contigo este porte de leão, que me devora?

Não me importa se dizem por aí que o homem nunca chora; Só sei que chegou a hora em que a minha espinha dorsal se encurva nas

E já não sei se és a Eva ou a Dalila que Deus me deu, só sei que é do "M" que quero falar; Sorria agora que podes, pula, salta, fala, canta, chora, corra, louva, traia, esperneia, esgrima, prenda, açoita, solta, bata, ama, humilha, exalta, odeia, beija enquanto danças;

Faça tudo o que vai para além do teu mais profundo íntimo, mas por favor me socorra, me socorra desta enfermidade deste "M" que desde uma à outra manhã ou tarde e até madrugada fere a humanidade;

Traga-me aquela alegria infantil apenas comparada a de um bem-sucedido mercantil;

Permita que eu desvende esse seu misterioso "M" do sentido feminino, que transporto dentro do meu fardo desde menino;

Hò! Julieta, deixa-me ser o seu Romeu e beber do nosso veneno, pois hoje já percebo que não sou mais aquele pequeno Capuleto; Não me importam ofertas nem gorjetas, sejam gordas ou estreitas, rica, ou pobre desde que seja "M"; Esse "M" de Maria mãe de Jesus, de Maçã que fez atrair Eva e Adão, de Maboque, a fruta da rainha, de Música que alegra os nossos corações, "M" de Múcu que nos tira o chinguive no dia seguinte, de Milho que nos sacia a fome, de Mandioca que nos garante força na hora da verdade.

Neste Março não me oferecem mais as vossas madrugadas sangrentas, nem tão pouco as vossas noites pecaminosas

velozes aos grandes pandemónios da humanidade; onde diante da aparente inocência da mãe natureza, aproveitam-se da minha fraqueza, minha triste pequenez e conduzem-me ao mais baixo cúmulo da pobreza, logo me arrastais para os vossos palácios viciosos das vossas injustas, desleais pobres riquezas.

Ah! mulher, minha mulher, nossa, vossa mulher; Não me forcem a acordar Ginga chamar Deolinda, a gritar pela Irene, a incomodar Lucrécia, a convidar Chilombo a e Cassinda, pedir a Indira, a implorar pela Darc a buscar Diana, a pedir a Dalila ou então suplicar uma prece à Madre Teresa de Calcutá e dizer que desse jeito não dá?

Hó mulher, mundana, mulher africana, mulher angolana. Ho! Mulher huilana! Deixa-me tocar a sua samacaca que se arrasta pelo chão deixando o verdadeiro e profundo sabor da maçã, no chão esse de onde germinam as sementes virgens das crianças que inocentemente são usadas como futuro para justificar os seus lucros escuros sem nenhum futuro;

Diga-me então mãe, porque é que me mataram antes de eu nascer se nada pedi para comer?

Porquê não me deixaram nascer se não pedi para me fazer?

Porquê é que me fecundaram e algumas semanitas depois me mataram se eu nunca vos quis atralhar? E daqui eu vos consigo observar.

Hoje sim pois entendo que foi apenas uma emoção para satisfazer e justificar alguma ilusão;

Saibam que não existe nenhuma razão para fazer parar um coração nem uma justificação que alimente essa vossa satisfação.

Como uma vez o sultão Baadur dizia, que os homens têm tarefas e ofícios muito mais nobres do que o de tirar a vida aos seus semelhantes; morder, dilacerar, estrangular, envenenar, abortar, são operações adequadas à maioria dos animais os quais foram outorgadas armas naturais como unhas, garras, dentaduras, patas, saliva, venenos, língua aguçada para o efeito.

Não sei se vos estou atordoar; Mas saibam que jamais, jamais vos irei perdoar; só que também não vos quero magoar! Mas é mesmo a ti "M" de mãe que a minha vida queria doar e me dedicar.

Desculpe se tudo que cá relatei, a ti e outras magoei. Porém sei que hoje o meu contributo dei, para melhorar um mundo que um dia sonhei; porque naquela noite infelizmente não me safei quando forçosamente naquela simbiose química, minha vida dei; Mas apesar de tudo isso mãe, permita-me admirar a sua imagem; Não só pela sua incomensurável coragem, pela forma como perpetrastes a minha tiragem;

Graças a ti hoje consigo por intermédio de letras, organizar no meu novo mundo uma orquestra;

Sim, devo isso a si, reconhecer e dizer!
Pois agora tudo quanto vejo, não vem em mim outro desejo;
Mesmo com todo o seu traquejo, Tudo o que eu almejo;
É dar-lhe um beijo. Te amo mãe!

(Soio, 12-03-2012)



HOJE SONHEI

Hoje sonhei, hoje tive um sonho hoje consegui sonhar, mas não acordei!

Hoje sonhei que o dia amanheceu, a noite escureceu, o sol aqueceu e a lua iluminou as minhas noites não dormidas naquela sanzala, onde as prostitutas fazem da escuridão das esquinas a sua secretaria e despacham para os gabinetes móveis os documentos que lhes habilitam tais práticas gerando os bandidos do futuro que vêm no trabalhador pacato o seu primordial inimigo.

Hoje sonhei que as crianças, todas de todo o mundo podiam sorrir de verdade. As de Hiroxima já possuíam boa formação congénita. As da África do Sul não eram mais assassinadas em plenas barbas da ONU. As do Camboja podiam ir à escola sem uma arma às costas. As do Iraque, não eram mais usadas como suicidas em troca de um troco. As de Cuba podiam pensar de forma diferente sem nenhuma repreensão. As do Vietname conseguiam sentir-se livres das invasões estrangeiras. As do Alasca podiam esquiari sem receio dos armazéns das bombas nucleares; As do Havai, já não tinham medo dos kamikazes. As do Brasil já não eram feitas reféns das drogas nem da criminalidade. As da América Latina nem tão pouco recrutadas para às florestas e defenderem os cartéis dos barões da droga. As de Israel já não eram presas fáceis da Faixa de Gaza e palestina. As da China já não eram ensinadas as ditaduras maoístas. As da Índia não eram vendidas para serem trabalhadoras sexuais; As da Nigéria eram funcionárias de centros de reabilitação dos antigos Bokhoaram.



Sonhei com outras, mais, de todo o mundo, do meu continente, do meu país, da minha cidade, em fim do meu bairro inclusive e, sonhando vi que essas crianças já não eram mais zungueirinhas nas ruas, nem eram exploradas nos mercados, não eram mais enviadas a comprar bebidas alcoólicas, nem acusadas de bruxas ou feiticeiras, nem tão pouco maltratadas pelas madrastas.

Sonhei que todas andavam nas cresces e escolas, brincavam nos baloiços, sonhei que não ngoiavam mais nos carros, sonhei que todas crianças órfãs das guerras promovidas pelos adultos foram adoptadas e nenhuma, nem sequer uma deambulava nas ruas da minha cidade.

Sonhei que nenhuma criança fazia mais o êxodo rural incentivada pelos pais para angariar um pequeno fundo, pois, até nas aldeias já havia escolas e centros infantis e a merenda escolar chegava para todas elas.

Sonhei, sonhei que todas elas cantavam, pulavam, corriam e sorriam de alegria infinita pela vontade vergonhosa dos adultos. Sonhei que as aves voavam livremente em pleno céu azul. Os peixes nadavam a vontade nas águas salgadas e doces. As águas não eram traficadas nem garimpadas pelos chineses de todo mundo. As chuvas eram regulares, a fome a seca eram uma utopia contada pelos anciãos e poetas audazes.

OS animais selvagens podiam desloca-se desde os Himalaias ao Kilimandjarro, passando pelos Alpes, o Saara, os Urais, passeavam pelo Texas sem medo dos xerifes e repousavam em pleno México onde os Ngangs os acariciavam e os davam de beber água pura, atingindo o planalto da Chela, o Moko até ao Transval, rasgando o Kalahari, sem que nenhum humano que se diz ser racional os atacasse.

Hoje sonhei que os homens descobriram que o dinheiro não se come, que o petróleo não se bebe, que o amor é o mais importante, que a vida é bela, que o mundo é redondo e que as crianças são inocentes do seu futuro.

Hoje sonhei que os homens romperam as diferenças, que todos temos os mesmos direitos e somos todos iguais, ainda sonhei que os padres, bispos e pastores, já não eram pedófilos nem negociantes de Cristo e celebravam um ecumenismo na mesquita em Meca, enquanto Maomé acompanhado pelo Califa Abu-bacre deambulava no Vaticano e de repente confessaram ambos na Basílica de S. Pedro que Jesus Cristo é o Senhor.

Sonhei que Martim Luther King acordou do sono temporário que lhe tinha sido imposto pelos republicanos e sorriu para Obama, quando este pranteava pela realização do sonho sonhado, enquanto Agostinho Neto com um maruvo ao lado refazia o "Havemos de voltar", aconselhado por Nito Alves,

pois sim, hoje assume que faltou alguma frase no seu legado.

Neste mesmo instante avistei Bob Marley enrolando um chute enquanto ensaiava o "OneLove". Nisto tudo encarei o velho Mbimbe arrogante provou do mesmo "pica" e dançou com a sua inseparável bengala e mixórdias que de repente caiu de tanta tontura e graças ao cota Chinguji que o levantou e o abraçou e neste mesmo instante sem querer repensaram o projecto do Muangai. Enquanto isso sonhei que Mandela treinava com Declerk para ver com quem ficava o tão ansiado e contestado Nobel, antes de ter mais uma sessão de boxe contra a opressão Sul-africana.

Sonhei que a devassidão já não existia, sonhei que Truman se alimentava com a LitleBoy e a Nologay como jeito de galardão de Hiroshima e Nagazaki, ao mesmo tempo que os meninos à volta da fogueira no Huambo, Bié, Uige Malange, Damasco, Alepo e os kamikazes, todos eles dançavam em pleno Havai.

Sonhei que Amílcar Cabral, contemplava os arquipélagos e logo sentava-se na mesma mesa de negociações com Nkrhumam, Nherere, Kenyata, Sengor, com Padmore, DuBoi inclusive os ocidentais; sem querer sonhei que Kadaf assustado levantou-se em plena amnésia e espreitava do buraco da fechadura a conversa da continuidade do projecto dos Estados Unidos de África. Sonhei que o Estado Islâmico era uma simples equipa de futebol e os seus atletas andam a

procura de "armas de ouro" competindo com Ronaldo, Messi, Maradona, Eusébio, Pelé, entre outros e que Ceuta já não era uma fonte de partida para se juntarem aos seus "irmãos" na Síria.

Sonhei que Peter Botha varria as avenidas de Soweto como gesto de indulto às crianças de Joanesburgo, lá onde a esperança já parecia moribunda, enquanto Samora chamava LuckDub para cantar em plena praça de Moeda, cujos convidados principais eram Ekuikui, Chaka e Mandume, assessorados por Mondlaine que não se cansavam de rir o espectáculo triste dos portugueses que vergonhosamente ofereciam ao nacionalizar-se pelos casamentos repletos de interesses.

Hoje sonhei que os franceses são escravos voluntários no palácio de Ho Chi Min, e servem de guardas nas universidades subterrâneas de Joanesburgo, sonhei que os índios de toda a América concretizaram a sua revolução e tornaram-se agora donos da Macdonald, da Coca-cola, da Microsoft, da Apple e, nenhuma indústria conseguia poluir qualquer espaço universal. Também sonhei com uma Coreia unificada e que todos os que se haviam ingerido nos seus assuntos foram feitos prisioneiros de uma paz duradoura. Sonhei que todos os homens já mostravam as caras e não justificavam os seus erros com guerras, jogos sujos, igrejas, tráficos de pessoas e drogas, onde vi que o sol era o meu

único fiel companheiro, as nuvens as minhas ilhas, e o vento a minha música.

Ainda sonhando vi que a terra já não era uma maldição reduzida a lama e pedra, já não havia ruído nem poluição, os rios podiam serpentear de uma forma dourada e os homens eram felizes e menos agitados sem pressa de viver e enganar o seu próximo para os seus temporários benefícios temendo a morte.

Sonhei que Hitler despertou do "joão-pestana", bêbado do sal da amnésia, cortou o bigode, converteu-se ao judaísmo e hoje, construiu um castelo ao lado do muro das lamentações onde passa a vida a ler todos os pedidos grafados nos pergaminhos. Também sonhei com Mussolini que se tornara actor em Veneza e Florença num espectáculo circense qualquer. Sonhando vi os portugueses a renunciarem os Tratados de Chifuma e Simulambuco, negaram o plano do tão ansiado mapa cor-de-rosa são reféns em Goa, Timor e Macau, onde Salazar é o recepcionista das masmorras criadas pela PIDE, que transformou-se num grupo coral para estimular as dores dos antigos governadores ultramarinos.

Ainda sonhei que apertei a mão ao Bin Laden em plena Casa Branca onde passa a vida como pedreiro na reconstrução das torres Gemias, mas também sonhei que todos os americanos, todos, os do Iraque, do Afeganistão e do Alasca, da Ásia, da

África, do Médio Oriente, da Europa, todos os americanos e angolanos Já não eram corruptos nem infiltrados nem mercenários, nem contratados às várias frentes de combate neste mundo a fora e, sonhando reparei que estavam todos cansados dos males que fizeram neste mundo, encerraram a sede da CIA e do FBI que transformara-se em orfanato para os filhos cujos pais foram vítimas dos seus malditos "serviços" por onde os queriam.

Sonhei mais que o KGB era uma basílica onde os bolchevics e os melchevics rezavam incessantemente com o mesmo sonho do paraíso eterno, quando Carol Voicila sorria abanando a cabeça pela ironia de crenças. E aí eu despertei e vi que era mesmo apenas um simples sonho sonhado.



O HOMEM QUE ME TORNARAM

Quem sou eu, onde estou e para onde vou? E porquê?

Vejam só como estou, partido, cego; como estou surdo em nome dos meus e de uma falsa verdade que me ensinaram e hoje descoberta.

Não tenho pernas para andar, olhos para olhar, ouvidos para ouvir, nem voz para soltar, apenas me resta um sentimento de tristeza do resto em que me tornei ou me tornaram, porque não fui responsável pois era um menino;

Até, até os meus lábios foram arrancados e do meu nariz apenas ficou uma fuça, para sentir com tristeza os lamuriantes odores que vêm das cozinhas que circundam a minha choça, e os irritantes perfumes que por mim passam nas portas dos restaurantes, supermercados e bombas de combustíveis, onde faço dos culpados e inocentes a minha última e única fonte de manutenção e recorro mais uma vez a inalar apenas o fragrância da gasolina para esquecer a minha condição de sítio físico a que me tornaram;

Vejam só como estou, onde durmo, debaixo deste ponteco que dentro de dias já me vai cair devido ao seu debilitado estado -já estou sem tecto. Divido este meu compartimento com os meus agora familiares, baratas, morcegos cães, gatos e ratos que nesta região entre nós ninguém é inimigo, mas que dado o meu inerte estado, os meus irmãos adoptados apoderam-se das minhas bagatelas os únicos recursos por



mim recolhidos durante o dia;

Digam-me para onde vou neste estado moribundo, carecendo de uma eutanásia para refartar as minhas mais ilustres apetências; olhem as minhas cobertas, cobrejões e travesseiros que estão sendo recolhidos todos os dias para purificar as ruas desta cidade que um dia dei por ela a minha vida e hoje não tenho direito de nela ficar. Já uma vez fui à lixeira para ser confundido com o lixo e ser reciclado quem sabe seria melhor mas alguém me transferiu de novo para cá não sei como consenti essa verdade.

Vejam-me, vejam-me não minto, o que me resta não é mais se não o resto em que estou, o sufoco que sou para quem ontem salvei a pele, é sério.

Não sinto deleite de viver a vida que deveria por inerência natural, não sou merecedor de cruzar em ruas que um dia doei o meu ser, nem nutro firmeza de folegar com as minhas narículas estilhaçadas no último combate com o desmoronar da minha cubata em amparo do que é meu;

Não fui à escola, aliás lá estive e foi de lá que fui extraído para defender o que diziam ser meu, e no final vir cá parar, sem dó nem som, nem tom de piedade, não consigo perceber como é que ninguém me ouve, ninguém me vê ou pelo menos sentir o cheiro das minhas petrificantes chagas, porque eu, pelo

menos eu não posso; não tenho fuças, isso é verdade, não minto!

Escondo-me do vento, da chuva, do sol da lua, que são as exclusivas testemunhas do que estou cá a enunciar. Podem investigar os ratos, os mosquitos, os morcegos as prostitutas, as criaturas indefesas, os fetos abortados por desejos indesejados frutos do tempo, ou então aos marginais que só de noite fazem os seus sustentos, se eu não sou o maior observador desses espectáculos que se sucedem de segundo em segundo. Perguntem se não sou eu o receptáculo e animador de muitos embriões que para jubilação dos diversos interesses que só um dia hão-de explicar e lá estaremos para prestar os nossos depoimentos como testemunhas, se não são alojados no meu lar;

Só vivo porque não foram os homens que me erigiram, pois muitas e percebidas vezes já fui convidado à força para abandonar a respiração, todavia apesar dos cada vez mais hodiernos procedimentos ainda resta-me esta oportunidade para dar um derradeiro clamor e ser ouvido por surdos e visto por cegos que aplaudem os vossos movimentos circenses, qualquer que seja misericordioso com a prometida verdade que nos havia de libertar e que hoje está cada vez mais a nos oprimir;

Esses homens modernos que ganharam cada vez mais amor da pátria que nunca mais esqueceremos, esse amor que inspira nos espíritos desses senhores a invejam, a avareza, a preguiça, o orgulho e ódio aos seus irmãos do mesmo sangue que os encaminham as guerras.

Para mim seja qual for o cidadão que me governa, só sei que estou condenado inocentemente a viver uma vida de mendicidade, jaula e a pagar infinitamente impostos sobre o meu rendimento de vida. Só sei que sou degredado para viver o resto da minha vida refugiando-me nos vícios como eles se refugiam nas guerras, luxúria, devassidão e assassinatos, é simplesmente uma tragédia humana sem precedente com seus protagonistas e antagonistas que esses sujeitos simplesmente sabem o seu prólogo mas nem imaginam que brevemente saberão o seu epílogo.

Não beneficio mais abundantemente de tempo para viver essa vida deste jeito, contudo o pouco que me resta quero dedicá-lo à verdade, e alertar a que os meus filhos e filhas não venham passar pelo mesmo deserto a que estou sujeito por condenação inofensiva da vida que os homens conceberam para mim por ambição, avareza, orgulho, traição e acima de tudo desumanidade, pois tudo fazem para encobri-la, enquanto assistimos a velocidade da corrida com que a mentira esbarra a chegada da verdade que sempre viverá. Adeus aos meus.



ONDE ESTÁ A VERDADE

Onde está a verdade? Onde ela reside? Há muito que procuro esta verdade.

Será que está nas ruas ou nos gabinetes? Nas praças ou nas casas? Nas igrejas ou nas lanchonetes? No dia ou na noite? Afinal quem é o dono da verdade?

AAAH. Assusta-me o número de verdades que se dizem ser verdadeiramente verdades e que traduzidas querem dizer realidade.

Dentro de casa conheço uma realidade, vou para a rua deparo-me com outro conto. Entro na igreja, aprendo uma verdade ouço dos políticos outra ficção.

Já o velho Sócrates indagava-se sobre a verdade e eu volto a fazê-lo e digo em gesto brasileiro: cade a verdade?

Pergunto-me agora onde está a verdade ou realidade do Mundo, da África e da nossa pátria que nunca mais esqueceremos? Agora volto a questionar de forma traduzida: onde está a realidade do meu país?

Quero saber se a realidade do meu país encontra-se nos lares onde a violência doméstica predomina sem nenhum precedente;

nas ruas onde se passam os melhores filmes de acção que



contradizem as evidências da pátria que já mais esqueceremos, em que os menores de idade, as zungueiras, os lavadores de carros, os tio António, os mediadores do crime, os taxistas, os polícias, os criminosos, as prostitutas, os mendigos e nós, nós os miseráveis somos os maiores protagonistas do filme a verdade da mentira; ou a verdade reside nas monstruosas igrejas aonde os sacerdotes ocuparam o lugar dos deuses e passam a vida a ensinar a violência social e familiar em troca de alguns tostões! É pura tristeza, pura tristeza saber que as sacristias transformaram-se em prostíbulos onde os clérigos derrubam as ovelhas indefesas destruindo lares de devotos fiéis agora revoltados por um celibato ausente que lhe foi ensinado desde a puerilidade.

Não minto, não minto, isso é um facto, sim e vocês sabem que é, não vale apenas pensar que isto é heresia -não, não é, é apenas a verdade e que estou a abrir.

Será que a verdade encontra-se nos luxuosos gabinetes, lá onde é mais fácil um camelo entrar no buraco da agulha do que um simples cidadão saber como estão sendo distribuídas as riquezas da pátria que nunca mais esqueceremos? Ou nas firmas nacionais onde existe um lavatório de moedas nativas que só caem nos bolsos de alguns apátridas comendadores, ou afinal nas multinacionais a garimpem na minha vernácula, ou então nos comités dos partidos onde os

fanáticos passam maior parte do seu tempo a aprenderem como se convence à força um cidadão e esquecem-se da sua função pública e justificam a sua falta no local de trabalho com um simples cartão de militante repleto de cores nauseabundas? Ou devo encontra-la nos bares e lanchonetes, onde a juventude prefere investir boa parte do seu tempo pois sabe que no fim terá uma bebedeira que o fará deslembrar as injustiças bem visíveis e quanto à ela são relegados ao silêncio votado. Ou nos hotéis lá onde se passam as maiores revelações de Sodoma e Gomora?

Ou nas discotecas e boates que são autênticas promotoras de músicas que intoxicam, depravam e destroem os famosos bons valores que os mesmos que os dizem promover são os mesmos que promovem as aglutinações, uso de drogas, prostituições desrespeito aos pais, sob o olhar passivo dos donos que possuem tais casas nocturnas -pois nenhum jovem coitadinho possui tais herdades, a polícia prefere proteger os mesmos traficantes e consumidores de drogas, prostitutas e criminosos, muitos deles filhos de dirigentes da nossa casa, dentro e fora das discotecas durante as noites e madrugadas, pois é o melhor momento de se trabalhar na sua narigueta do que socorrer o pacífico cidadão num bairro periférico se iluminação nem estradas, onde todos os dias chegam queixas e notícias que vão desde assaltos de casas, roubo de botijas, furtos de telefones, crianças e adultos violentados, assassinatos e estrangulamentos, um grupo socialmente

indefeso e marginalizado que nunca se prostituiu, não sabe o que é o cheiro nem a cor de uma coca e que foi condenado a ter apenas dois canais pátrios com a tal verdade discrepada que todos nós procuramos.

Será que encontra-se nos discursos de campanhas eleitorais com que os políticos ludibriam propositadamente os seus voluntários eleitores e estes de uma forma deleitada aceitam, para não defraudarem a sua crença ou os seus líderes temendo uma desforra e quando são eleitos esquecem escandalosamente os seus ajudadores e bajuladores, os seus informadores que venturosos são relegados para o último plano, olvidados durante quatro anos, quer dizer agora cinco, devido ao avanço da tecnologia o tempo também corre tão rápido que dois agora é três? Agora pois aceito o anglófono que disse que a verdade de hoje é a mentira de amanhã e com Jesus que predisse que a ciência se multiplicará e o amor de muitos senão todos se esfriará? E que conhecereis a verdade e a verdade vos libertará? Aaaaai! Agora certamente as coisas inverteram, a verdade já não liberta,mas sim condena e coocondena! Perguntem, perguuntem aos que já partiram, A. Neto, N. Alves, N. Mandela, ao Velho Jonas, ao velho Roberto, ao Khruman, ao Keniata, ao Nherere, ao S. Machel, ao Kadaff, ao Sadam, perguntem quando lá chegarem, como o paladar da mentira acelera os factos, onde ala faz tudo, mas tudo mesmo ,para asfixiar a verdade que mesmo com o avanço tecnológico não

consegue impor-se a impostura e eu me pergunto se a falsidade tem maior impulsão que a evidência?

Agora consigo perceber, o velho Madiba, quando dizia que "há vitórias que são importantes apenas para aqueles que as conseguem". Humm!

Será que é verdade que a verdade está sendo devorada toda ela pelos pastores psicanalistas que logram as suas ovelhas fazendo recurso à fonte da verdade que eles deturpam em troca de alguns poucos trocos comparados com o primeiro grupo? Que para além de enganarem os irmãos fornicam as irmãs, condenadas voluntariamente a caluda jurada, sob pena de serem alojadas pelo indesejado inferno, ou será que a verdade está nas basílicas donde todos os dias chegam nos gabinetes jurídicos informações que dão conta das inúmeras pedofalias que os sacerdotes cometem, cuja punição é uma simples transferência ao contrário da escomungância, será?

A verdade para mim é que os humanos foram atingidos desde tempos imemoriais por uma forma de loucura colectiva e universal e pelo facto de ser comum, não é notada nem reconhecida como loucura. Talvez seja essa a verdade.

Diante de tudo isso reclamo e clamo igual Santo Agostinho, que para mim é considerado o mais importante pai espiritual da igreja depois dos apóstolos, quando interrogava-se sobre a verdade e dizia: " Ó verdade! Verdade! É com todas as suas

forças que a minha alma te procura!"

Hoje, aceito que existe uma diferença muito grande entre mim e eu próprio, onde o Bispo de Hipona acrescenta: "Não olhes para o exterior; vira-te para dentro de ti próprio" referindo-se a Civitas Dei.

Ou vou encontra-la lá onde a salvação é comprada com dinheiros superiores aos do coitadinho judas, que de uma forma descarada obrigam insistentemente os membros a pagarem Imposto sobre o Rendimento de Trabalho (IRT), seja ele funcionário ou não, sob pena de dirigir-se ao pandemónio?

A verdade também é que esses homens compraram ingresso de fúria homicida, onde a vida de outrem não tem valor, com essa mania de perseguição, a mania da grandeza política, económica e social, a mania suicida e destrutiva e outras ainda mais perigosas que se mostram cada vez mais evidentes que são o presságio de uma nova futura forma de se firmar no mundo devido a técnica e a ciência que se multiplicam de forma incontrolável e pavorosa, com viagens, descobertas, invenções, etc.

Será essa a verdade? Garanto-vos que a humanidade precisa de uma cura divina urgente, porque a terra parece um manicómio, onde os professores, médicos, enfermeiros,

psicólogos, pastores, padres, bispos, governantes, políticos, motoristas, cupapatas, zungueiros, polícias, militares e outros a fim, estão todos reduzidos a loucos e espectadores impotentes de outros loucos e está todo mundo endiabrado com a insaciável e infinita sede do querer ser e ter mais.

Será que vou encontra-la nas antologias de Confúcio, o Avesta e Corão, nos Vedas, Ramanhana, no Mahabharata, no Lao-Tsé? Ou então convém rebusca-la da Grécia, que para mim podia ser a mãe da sabedoria e da verdade, já que a sabedoria é verdadeira?

Ali? Talvez sim poderíamos encontra-la nos poemas de Homero, nas tragédias de Ésquilo, nos diálogos de Platão, nas confissões de Santo Agostinho e São Tomás, na metafísica de Aristóteles, nos ensaio de Einstein ou nos fragmentos de Heráclito? É duro o que digo na procura da verdade. Será preciso recolher as loucuras de homens como as de Erasmo de Roterdão e Maquiavel, Shakespeare e Don Quixote? Ou nas colecções de Rabelais, Galileu, Newton, Darwin e Freud, Voltaire, Pascal e Pastel de uma forma cândida atingir a Alemanha de Goethe e a Rússia de Dostojovsk completando assim as aventuras de Kant e Vítor Hugo?

É uma demência geral e interminável que só pode findar com um cataclismo universal. A verdade porém é que só mesmo Deus pode intervir, mas que até agora tem-se mantido num

silêncio que pode se transformar em terrível condenação humana. Talvez seja essa a verdade.

Revolta-me o número de realistas dissimulados que mostram a verdadeira realidade do meu país, que todos nós sabemos qual é, mas que são abafados pelos seus primos e maridos, falo das zungueiras e zungueiros, dos lavadores de carros nas nossas sublimes avenidas; das nossas irmãs que se entregam à vida em troca de um troco; dos meninos que passam o dia transportando água para os prédios que foram concebidos com a nossa realidade, onde o dinheiro da nação foi desviado para os cofres do Estado na compra de grandes carrões, dos deputados e ministros e outros que promovem concursos de quem possui a maior pança, a maior casa, o maior número de namoradas, as melhores fazendas em abono do sofrimento desejado do povo, onde o tribunal de contas é apenas um museu constitucional que aprova e desaprova quando quer e como quer, onde os militantes descartáveis queimam maior parte do seu tempo nos comités, os mesmos que dividem o seu tempo entre igrejas seculares e comités e que no dia seguinte nem um cartão é dado pelo seu partido, quando chega alguma enfermidade e, morre na porta da sua casa, conhecendo ele a realidade do hospital e por isso são obrigados a viverem no futuro miserável que é compensado com um elogio fúnebre no dia do seu enterro.

Esses zungueiros que fazem dos jardins, passeios e entradas de prédios seus gabinetes, um prédio que o seu tio ou avó ajudou a construir e que hoje está expressamente proibido de nele entrar. Esses lavadores de carros de ministros, governantes e directores que sujam a imagem dos honestos exibindo as suas máquinas resistentes nas estradas esburacadas que de tanto conforto não têm interesse nenhum em reparar as ruas esburacadas com pretexto de melhorias eléctricas e telefónicas; os mesmos que em troca de uma gorjeta são sexualmente molestados com um silêncio mortífero. Olha o meu pai coitadinho que enfiado na guerra que vós mesmos apropriando-se da verdade que não conhecem a criaram e hoje dizem-se ser antigos combatentes!

É um paradoxo essa verdade ainda que extraordinária, onde os chefes políticos e militares grandes "criminosos de guerra", hoje juízes dos vencidos, que sacrificam milhões de vidas e gastam centenas de bilhões em dinheiro para obter vitória e, logo depois se precipitam a gastar outras centenas de bilhões para alimentar os vencidos, para reconstruir o que a guerra destruiu, como indústrias, pontes, estradas, hospitais, escolas etc. de modo a alcançar a tão propagandeada prosperidade, como disse GOG.

Sinceramente, eu como simples homem de rua não entendo. É como se todos estivéssemos num hospício.

Então tu peijas contra o teu irmão, ele morre, dizes ser antigo combatente e depois que ele morre até te outorga o grau de general, apoderas-te de um espaço terrestre e dizes ser teu ou do teu avó só para arrebatat os seus recursos, estuprar as filhas alheias, ter tantas regalias que, te sobem à cabeça e não sabendo onde as pôr, casas, descasas e como consequência positiva apanhas doenças e transmites às crianças que tu acedias, mas como elas andam também a procura de sobrevivência entregam-se sem receio de enganar e contaminar o marido ou o namorado?

Essa é a verdade? Será essa a verdade?

Ou a verdade então encontra-se nos vossos cinemas que embrutece, enlouquece e intoxica-nos sistematicamente a nós, nós as massas, simples proletários oferecendo espectáculos bestiais e ferozes lotados de sentimentos estúpidos, de falso alarde, vida patética e pretensiosa que só ajuda a substituir o ver, o ter e o ser para o simples pensar, uma simples imaginação que não passa de fantasia.

Lá onde é cada vez maior a difusão por classes sociais dos entorpecentes como ópio, cocaína, morfina, liamba, crac, gasolina, alcoolismo que favorecem o estímulo da sexualidade, com danças e músicas, degradando cada vez mais os valores morais, que vão ofuscando as capacidades superiores da alma ao mesmo tempo que prepara uma geração de loucos que já são bem visíveis na nossa sociedade.

Que devo eu dizer ou esconder com medo de me prenderem?
Sinceramente não sei!



DESTA VEZ QUEM É O CULPADO

Desta vez não fui eu, desta vez não sou eu, desta vez não serei eu o culpado das vossas atrocidades, das vossas maldades, das vossas crueldades, das vossas promiscuidades, das vossas desumanidades, das vossas sanguinidades, das vossas expansionalidades, das vossas iniquidades, das vossas superioridades, das vossas ansiedades. Não. Não!

Não fui eu que vos chamei, não sou eu que vos estou a chamar; sois vós ó maldosos que mais uma vez decidistes vir ao meu encontro com a vossa infinita sede de leoa e tirar de mim o último pedaço que me resta;

Desta vez já não sou mais "selvagem", nem bárbaro como me chamavam para me persuadir, pois já atingi o lá. Também vivo na vossa aldeia, como as vossas comidas que vêm das fábricas que funcionam com as minhas forças que vós mesmos explorais, visto as vossas roupas, curo-me com os vossos remédios, conduzo os vossos carros, durmo nas vossas camas, ouço as vossas malditas músicas, calço os vossos sapatos, sento nas vossas mesas, assisto aos vossos programas em fim, sou obrigado a baloiçar as vossas cadências infelizes;

Digam-me se não é verdade? E que quereis vós então de mim, senão me expiar para depois encetar guerras e roubar o meu ouro, violar as minhas filhas, assassinar os meus filhos,



apoderar-se da minha inteligência, o meu carácter e destruir a minha cultura?

Desta vez já não sou mais o culpado; podem levar, podem tirar, podem arrancar, podem roubar, podem carregar, podem pilhar, podem transportar, podem enganar fazei tudo o que bem quereis, insaciai-vos dos meus bens, percorrei, saltitai, executai, comei, desposai, apregoai essas façanhas às vossas famílias, exaltai as vossas insaciáveis matanças, glorificai a vossa maldita raça e amaldiçoi a autenticidade da minha, inventai, dançai, alegrai-vos, embriagai-vos, nacionalizai-vos, transbordai de alegria, carambolai, cultivai o que quereis nas minhas lavras, sonhai em cá viver fingidamente, prevaricai caprichosamente das minhas filhas, castigai, fustigai, açoitai os meus filhos, podem, podem justificar os vossos erros e condutas com a religião que cada vez mais vós mesmos forjais, arrebatad de mim o que mais me dói, enfadai o meu espírito, devastai o meu orgulho, humilhai-me e no fim comemorai as vossas tristes e vergonhosas vergonhas;

Por favor não digam que desta vez fui, sou ou serei eu; Não. Não! Não!

Não. Não! Não sou eu o culpado das grandes mansões que possuí, construídas com o sangue precioso dos meus descendentes e que para a sua manutenção precisam que se vertam mais sangue e de quem? Dos meus filhos.

Não sou o responsável das vossas famélicas indústrias, que diariamente fabricam engenhos que vindimam os meus filhos e tornam infecunda a minha terra e trucidam os meus peixes, os meus animais e correm com as minhas aves.

Não fui eu que gerei as vossas fortunas exibicionistas que carecem cada vez mais da mão-de-obra infundada dos meus filhos. Não fui eu que fiz promessas e propagandas falsas, sois vós que viveis duas almas que estais sentados acima de tudo e inovais doenças e casamentos perversos com os vossos homossexualismos e lesbicíssimo que quereis intoxicar os meus filhos e filhas para depois os extorquir.

Desta vez não sou mais eu, mas sim vós, vós que sentis a repugnância da minha existência que sempre fingistes ser meus amigos, mas que, afinal, sois apenas amigos dos meus bens, e por causa disso tornei-me nos pesadelos das vossas stressantes noites não dormidas, buscando estratégias para me enganar sabendo hoje dos vossos sanguinários benefícios;

Não sou eu o culpado das vossas lágrimas choradas e não choradas, pois tornei-me na irritação dos vossos ouvidos quando clamo por socorro na defesa do que é meu. Sou para vós a bactéria do vosso fôlego, o engarrafamento dos vossos velozes e trémulos passos que se dirigem para o inferno, ham, ham...tornei-me o horrorizante, exasperante e

inevitável aos olhos dos vossos cegos selváticos e impiedosos objectivos;

Desta vez não sou mais eu, aliás nunca fui..Foram vocês que chegaram ao meu fogo, pilhando, desforrando e quando despertei fui desterrado. Não desejo ser mais uma vítima das vossas remições atrozes que durante 500 anos rapinastes, desenraizastes, incriminastes e doutrinastes a papar comida que nunca ninguém comeu, a entrar em casas que nunca alguém entrou, a trovar melodias que nunca ninguém cantou; a trilhar veredas que nunca ninguém cruzou, a dormir em leito que jamais ninguém dormiu.

Aceitai pois que sempre fui a cobaia das vossas invenções, o depósito ou melhor a fossa dos vossos imundos e assassinos resíduos. Digam, se não fui o escudo das vossas vergonhosas, impiedosas, iníquas guerras que jamais terão perdão?

Para vós fui e sou sempre o desterrado, para as fábricas das vossas bombas cada vez mais ameaçadoras, o dissipador obrigatório dos vossos comerciais, mas desta vez não serei mais medíocre, pois já vivo na mesma aldeia, conheço os vossos planos de dupla face através das vossas incontroláveis invenções, não aceitarei mais o holocausto, não serei mais enforcado, nem executado, nem contratado, nem exilado, nem extraditado, nem condenado, nem amarrado, nem tão

pouco comercializado para no fim ser escravizado, não contem mais comigo para isso, isso mesmo que vos alegra e vos transportam cegamente aos abismos dos vossos ocos, assombrados e repelentes palácios onde vos prostituís, embebedais, vos promiscuis, vos infectais, vos assassinais, vos atraioais, vos exibis, vos comemoreis, vos enganeis e no fim vos matais por traição, por corrupção, por ganância, por insaciação, mas que no fundo é por maldição;

Desta vez não sou eu que estou trazendo para cá os chineses que trocaram automaticamente o seu objectivo de ajuda do crescimento ou desenvolvimento da minha pátria pelo lucro fácil como garimpo desde água, passando pelos humanos e outros recursos naturais de uma forma desenfreada sem precedentes.

Já dizia GOG nos seus escritos que " o povo chinês é o mais perigoso que há no mundo e, por isso, está destinado a dominar a terra". Por isso é que durante muito tempo ficou fechado no seu misterioso império ignorando o resto do mundo. Há muito que os chineses procuram vingança pelos males que os japoneses e os ocidentais os causaram, por tentarem os arrancar do "seu covil" e certamente vingar-se-ão. Diz-se mais que o povo chinês é astuto e paciente, que em 1910 converteu-se à democracia republicana e em 1948, ao comunismo.

Pelo menos já vos estou a alertar para não me culparem desta vez ainda a respeito desse povo que está a invadir a minha casa sem vergonha a procura de filhos e arroz para sustentar os seus filhos, como dizia LIN YUTANG "é um povo imortal, sempre igual a sim mesmo sob todas as dominações, por isso nem os Tártaros, nem os japoneses, nem os americanos, nem os russos, nem os angolanos conseguirão transforma-los.

Parece que a História começa a dar razão ao imperador GUILHERME II, há quase um século quando denunciava o "perigo amarelo"

Agora quero vos lembrar alguns domínios chineses no mundo:

Malásia, Indonésia, os bairros chineses em Angola, São Francisco, Nova York, Londres Paris, Kinshasa, Namíbia. Os primeiros zungueiros de Roma, Berlim, Cairo, Madrid em fim o que vejo hoje parece que esse povo vai procurando "novas terras", por isso é que vos estou alertar para não ser culpado.

Ó vós que decidis as fomes e as abundâncias, as guerras e as pazes, as bondades e as maldades nesta terra divinal! Não inculpem mais os inocentes, soltai estes e acorrentai-vos a vós mesmos, pois vós sabeis os culpados, pelas guerras e fomes pela que passamos eu e os meus filhos, os filhos destes e os seus irmãos e os irmãos destes, na África, na Ásia, na América,

no Médio Oriente e até incrivelmente agora nas vossas próprias casas;

Dispam-se dos vossos falsos amores, falsas ofertas e doações, falsas oblações, que de dia o fazem e de noite as vêm roubar, ó geração de lobos, dispam-se da pele de cordeiro e assumam os vossos erros no Vietnam, no Camboja, na Coreia, em Nagasaki e Hiroxima, no Iraque em fim só para vos lembrar, quem sabe "O Todo-poderoso" vos pode perdoar, pois desta vez já o disse não contem comigo nem cá estarei para justificar os vossos vergonhosos envolvimento na Líbia, no Egipto, na Síria e mesmo onde estais neste preciso instante pois inclusive não lá me achareis como sempre desejastes para servir de vosso escudo pois já abrangi o acolá, conheço a vossa sede, a vossa infinita sede, sei o que procurais e aqui já não há para vós pois anteriormente o fizestes sem noção do futuro, sabeis que desta vez a culpa é vossa já não mais minha.

Apagai de vossas mentes os Socialismo, os utópicos comunismos, o selvático capitalismo, que na verdade é um inconcebível ajudismo, o vizinhismo, o iluminismo, o simulado humanismo, o sacrificado cristianismo, e reconhecei o meu existencialismo. Para vós jamais tive identidade e se sim, foram vocês que a desmoronastes, com o vosso colonialismo, civilismo imperialismo pois para vós eu nunca existi, nunca vos alertei, dos vossos erros, nunca ouvistes os meus

lamentos, ignorastes as minhas dores, dançais por cima do meu sofrimento, acumulastes riquezas à custa do sangue dos meus prósperos, deslumbrantes e vigorosos filhos, contudo, construístes realezas e palácios com o suor desmedido da minha gente e, em troca os matais com as vossas sedes insaciáveis do "quero mais"!

Quantas? Quantas minas minadas? Quantas accionadas pelos meus filhos quantas? Quantas desactivadas? Também diante de uma política desinteressada na vida dos meus filhos que as vezes eles ainda são cegados pelo poder.

Mas desta vez não aceitarei por mais que queira, todavia o meu eu não vai admitir que alguém me venha destruir, me persuadir, me constranger, me confundir, e diluir as minhas forças, pois desta vez não sou mais e umas sim a vez dos meus irmãos e da minha mãe que já chorou as dores da perda da sua virgindade que vós mesmos a desonraste e tendo ela contra vontade engravidado, levastes convosco os seus filhos e pertences. Eles sim vão vos agir pois desta vez já o disse não serei mais eu.



NA HORA DO ADEUS

A hora do adeus foi a mais triste! Vi que tudo estava a mudar, tudo ia mudando, enfim, vi tudo mudado, éh adeus.

Adeus a tudo de bom que está ficando disforme.

Adeus as brincadeiras de infância; bem vido jogos ásperos de hoje;

Adeus aos divertimentos de casinhas, de papá e mamã e as escondidas; sejam bem vido os houseparties;

Adeus as cozinhadas de latas atrás das casas e sejam bem vindos os violentos piqueniques que muitas vezes acabam em tragédias;

Adeus a garrafinha, leitim, 35, seja bem vido what is up.

Adeus aos saiotes, linha saco e o caputula, seja bem vido o tchuna, o chuxuado, yuki, os dentais e bóxeres.

Adeus! Adeus os ondjangos e sejam sim bem vindos os plasmas, HD, 3D e facebook!

Adeus as farras e bodas mas sejam bem vindos os shows, as ravs e outros.

Adeus aos bons conselhos dos velhos e velhas e que venham as novelas e filmes violentos e depravados.

Adeus chifuta, grampo e zagaias, bem vinda a ngala, a baba e a gingubinha.



Adeus a saborosa quissangua, o deleitoso macau, o incomparável maruvo e quimbombo mas seja bem vinda a caipirinha e o twoshot.

Adeus aos serões do luar e sejam vindas as tabernas, lojinhas e botequins.

Adeus as escolas do povo com batas brancas mas avante os colégios e os seus lindos uniformes. Adeus!

Adeus a família e os vizinhos mas sejam bem vindos as gangs, os grupos e os mil homens.

Adeus as lavras, as hortas e nacas; sejam bem vindas as quintas e fazendas luxuosas que já mais serão nossas. Adeus!

Adeus as zorras e carroças que carregavam os mantimentos e sejam bem vindos os carros poluentes, os aviões que despenham, os cruzeiros que naufragam os yates que explodem, os comboios e os metrós que colidem sempre, bem vindo.

Adeus aos caçadores e pescadores da minha terra e sejam bem vindos os arrastões e caçadores desportivos.

Adeus aos bailes e sentadas familiares mas sejam bem vindas as galas e festivais.

Adeus! Adeus as flores da natureza, bem haja os fogos de artifício. Adeus os caminhos do mato ande podíamos andar em fila indiana sem traição e sejam bem vindas as avenidas, outo estradas e vias expresso que mesmo com sinalização nos atropelamos.

Adeus chifres de bois e sejam bem vindos os telefones.

Adeus a sungura, o semba, a cazucuta e sejam bem vindos o ReB e o hausemusic.

Adeus aos moringues, cabaças e panelas de barro, sejam bem vindas as geleiras, arcas e panelas de pressão.

Adeus as casas de pau a pique, as aldeias e quimbos mas sejam bem vindos os prédios, as vivendas, os quarteirões, as cidades e centralidades.

Adeus a luz do sol e lua, sejam bem vindas a energia eléctrica e atómica para destruir o ozono.

Adeus ao funje, pirão e o conduto e sejam bem vindos os pratos e seu acompanhantes.

Adeus aos gregos e sejam bem vindos os bandidos, assaltantes e meliantes.

Adeus aos militares e sejam bem vindo os tropas e badis.

Adeus ao amor que promove a paz e seja bem vinda a soberba, a luxúria, a preguiça, a gula, a inveja, a avareza, a arrogância e o ódio que só conduzem as guerras.

Adeus ao trabalho digno e seja bem vindo o lucro fácil, a micha, e a burla.

Adeus ao chinelo facility e o chupa que venha o bendito bico fino, sola seca, timberlade, salto alto, Sabrina e havaiana.

Adeus ao Ngundi e ao mumpeque e seja bem vinda a vaselina do paculamento.

Adeus a massaroca, a madioca e a batata-doce cheias de vitaminas e sejam bem vindos o hambúrguer e a faíta que causam obesidade.

Adeus as cotas com amor ao trabalho e que venham os jovens com amor ao dinheiro.

Adeus aos casados e sejam bem vindos os papoites e mamoiotes, amantes, ficantes, quarentonas e novinhas.

Adeus as andorinhas que anunciam a primavera e sejam bem vindos os drones e caça bombardeiro.

Adeus a minha fauna rica mas sejam bem vindo os canhões e tanque de guerras.

Adeus as baleias, tubarão e peixe miúdo e sejam bem vindos os porta aviões, os submarinos e os mergulhadores.

Adeus as imaculadas e os ingénuos e sejam bem vindas as prostitutas, alcoólatras e chulos.

Adeus aos partos caseiros e hospitalares, realizados por especialistas e sejam bem vindos os fetos comerciais deitados ao lixo, pontes e escombros.

Adeus as fogueiras de contos e anedotas do antigamente mas sejam bem vindas as redes sociais e os noticiários tóxicos.

Adeus ao vento, as nuvens, a chuva, aos rios, as florestas verdes, ao céu azul, aos mares mas sejam bem vindos a seca, a fome, a miséria, o aquecimento global, isso sim seja bem vindo.

Adeus aos honestos trabalhadores e exemplares e sejam bem vindos os corruptos, déspotas, obcecados ao poder e vendedores da pátria que já mais esqueceremos.

Adeus aos cultos religiosos dedicados a divindade e sejam bem vindo o antropocentrismo, os deuses ocultos, feiticismo e alguns iluminantes.

Adeus as igrejas e capelas verdadeiras e sejam bem vindos os centros comerciais religiosos.

Adeus as lojas do povo e pracinhas mas sejam bem vindos os mini, mega, súper, híper mercados e centros comerciais.

Adeus aos bispos, padres, pastores, catequistas e anciãos daquele tempo e sejam bem vindos os candongueiros, negociantese traficantes de cristo.

Adeus aos jardins desta minha bela cidade e seja bem vindo o palco do criminoso negócio escuro. Adeus!

Adeus as universidades, faculdades e institutos, mas sejam bem vindo palcos circenses repletos de amplexos luxuriantes.

Adeus aos verdadeiros amigos do coração e sejam bem vindos os amigos de ocasião e sazonais, condicionados pelo ter, esses cambas, avilhos e brotheres.

Adeus aos médicos, engenheiros, professores, enfermeiros, polícias, mecânicos, canalizadores, pedreiros, electricista, motoristas, juizes, e governantes competentes, adeus e sejam bem vindos os apátridas convenientes, corruptos e ébrios. Sim bem vindos!

Adeus ao zimbo, ao libingo e a permuta mas sejam bem vindo, o kwanza, o dólar, o rand, o yen, os kinguilas e as casas de câmbio. Adeus aos cães caçadores e verdadeiros amigos do homem mas sejam bem vindo os pitbull, os bullbull, os rotvail e pastores que devoram o próprio homem.

Adeus ao milho torrado (locango) que nos dá garra e seja bem vinda a liamba, cocaína, crac que nos debilita. Adeus!

Adeus as trotinetas divertidas nos arriamentos e sejam bem vindos os cupapatas, CBRs e BMXs, que nos mutilam.

Adeus ao lombi, couves e tortulho mas sejam bem vindo o frango, cabrité, cãoté, macaiabo e magoga.

Adeus a lenha e o carvão, mas sejam bem vindo o fogão e aquecedor.

Adeus aos banhos nas águas ribeirinhas e sejam bem vindas a suites, chuveiros e polibãs.

Adeus aos cipaios coloniais e sejam bem vindos os fiscais das ruas e mercados.

Adeus as mããs quitandeiras e sejam bem vindos as zungeuiras.

Adeus as nossas boleias ocasionais e sejam bem vindos os vossos táxis domiciliares.

Adeus aos poetas destemidos que foram impedidos de imprimir as suas planejas num papel branco qualquer e sejam bem vindos os charlatões que fazem o uso irracional dos teclados.

Adeus as máquinas dactilógrafas e a caneta que era a arma do pioneiro, mas seja bem vindo o bendito e lógico computador.

Adeus as cartas manuscritas com letra de ouro e sejam bem vindas as mensagens nos tabletes e telelés.

Adeus as máquinas dactilógrafas e a caneta que era a arma do pioneiro, mas seja bem vindo o bendito e lógico computador.

Adeus as cartas manuscritas com letra de ouro e sejam bem vindas as mensagens nos tabletes e telelés.

Adeus aos retratos preto e branco, bem vindas as fotografias coloridas do self.

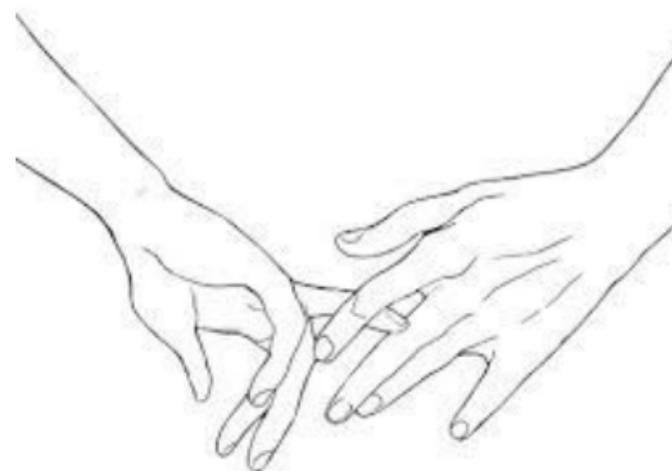
Adeus aos banquinhos e catchalos mas sejam bem vindos os sofás e cadeirões kings.

Adeus as esteiras e loandos mas sejam bem vindas as camas king, bases e beliches.

Adeus as cacimbas e bem vindo os tanque e torneiras.

Adeus aos batuques e batuqueiros mas sejam bem vindos os sons das colunas e os DJs.

Adeus s cavernas primitivas e sejam bem vindos os palácios.
Adeus!



Créditos

As minhas palavras não ditas

Elaboração: Hélio Sozinho



EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico e Edição em E-book

Caetano Borges Wambembe

Revisão e corecção: Dr Carlos Alberto Cardoso "Chia"

MÚSICAS

- * Hó Ndjabelwa-----Loucos- Matias Damásio
- * Março Mulher-----Falsas promessas- Matias Damasio
- * Hoje Sonhei----- I have a dream- Westlife
- * O homem que me tornaram-----Jacinto Tchipa- Cartinha da Saudade
- * Onde está a verdade----- Teta Lando- Eu vou voltar
- * Desta vez quem é o culpado-----Irmãos kafala-Renúncia Impossível
- * Na hora do adeus-----Ruy Mingas-Adeus a hora da partida

Todos os direitos desta obra reservados a
Hélio Sozinho

Este E-book esta protegido por
leis de direitos autorais na "CPLP" e na "SADC"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra esta sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
seja dado crédito aos autores originais - Não é
permitido modificar esta obra, não
pode fazer uso comercial desta obra. Não
pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
pelos textos, músicas e imagens
é exclusivamente do Autor.

